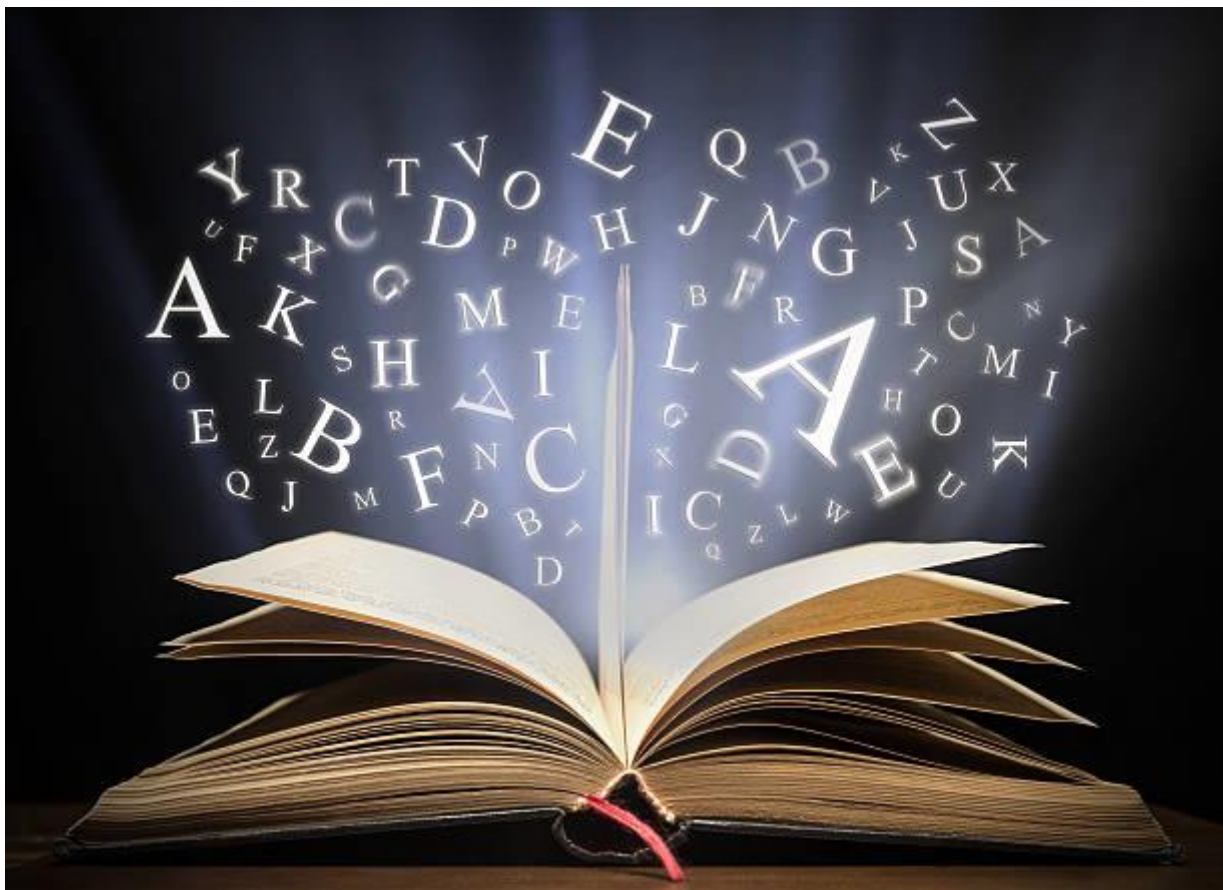




C O N T O S

DEFENESTRAÇÃO



Certas palavras têm o significado errado. Falácia, por exemplo, deveria ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar Falácia em todas as suas variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa Falácia Negra.

Hermeneuta deveria ser o membro de uma seita de andarilhos herméticos. Aonde eles chegassem, tudo complicaria.

-Os hermeneutas estão chegando!

-Ih, agora é que ninguém vai entender mais nada...

Os hermeneutas ocupariam a cidade e paralisariam todas as atividades produtivas com seus enigmas e frases ambíguas. Ao se retirarem, deixariam a população prostrada pela confusão. Levaria semanas até que as coisas se recuperassem o seu sentido óbvio.

Antes disso, tudo pareceria ter um sentido oculto.

-Alô...

-O que você quer dizer com isso?

Traquinagem deveria ser uma peça mecânica.

-Vamos ter que trocar a traquinagem. E o vetor está gasto.

Plúmbeo deveria ser o barulho que um copo faz ao cair na água.

Mas nenhuma palavra me fascina tanto quanto defenestração. A princípio, foi o fascínio da ignorância. Eu não sabia o seu significado, nunca me lembrava de procurar no dicionário e imaginava coisas. Defenestrar devia ser um ato exótico praticado por poucas pessoas. Tinha até certo tom lúbrico. Galanteadores de calçada deviam sussurrar no ouvido de mulheres.

-Defenestras?

A resposta seria um tapa na cara. Mas algumas...Ah algumas defenestravam.

Também podia ser algo contra pragas e insetos. As pessoas talvez mandassem defenestrar a casa. Haveria, assim, defenestradores profissionais.

Ou quem sabe seria aquelas palavras misteriosas que encerravam os documentos formais? "Nesses termos, pede defenestração..." Era uma palavra cheia de implicações. Devo até tê-la usado uma ou outra vez, como em:

-Aquele é um defenestrado.

Dando a entender que era uma pessoa, assim, como dizer? Defenestrada. Mesmo errada, era a palavra exata.

Um dia, finalmente, procurei no dicionário. E aí está o Aurelião que não me deixa mentir. "Defenestração" vem do francês "défenestration". Substantivo feminino. Ato de atirar algo ou alguém pela janela.

Ato de atirar algo ou alguém pela janela!

Acabou a minha ignorância, mas não minha fascinação. Um ato como este só tem nome próprio e lugar nos dicionários por alguma razão muito forte. Afinal, não existe, que eu saiba, nenhuma palavra para o ato de atirar alguém ou algo pela porta. Por que, então, defenestração?

Talvez fosse um hábito francês que caiu em desuso. Como o rapé. Um vício como o tabagismo ou as drogas, suprimido a tempo.

- Les defenestrations. Devem ser proibidas.

- Sim; monsieur le Ministre.

- São um escândalo nacional.

- Ainda mais agora, com os novos prédios.

- Sim; monsieur le Ministre.

- Com prédios de três, quatro andares, ainda era admissível. Até divertido. Mas daí para cima, vira crime. Todas as janelas do quarto andar para cima devem ter um cartaz: Interdit de defenestrer. Os transgressores serão multados. Os reincidentes serão presos.

Na bastilha, o Marquês de Sade deve ter convivido com notórios defenestresurs. E a compulsão, mesmo suprimida, talvez ainda persista no homem, como persiste na sua linguagem. O mundo pode estar cheio de defenestradores latentes.

- É esta estranha vontade de atirar alguém ou algo pela janela, doutor...

-Humm. O impulso defenestrex de que nos fala Freud. Algo a ver com a mãe. Nada com o que se preocupar, diz o analista, afastando-se da janela.

Quem entre nós nunca sentiu a compulsão de atirar alguém ou algo pela janela? A basculante foi inventada para desencorajar a defenestração. Toda a arquitetura moderna, com suas paredes externas de vidro reforçado e sem aberturas, pode ser uma reação inconsciente a esta volúpia humana, nunca totalmente dominada.

Na lua-de-mel, numa suíte matrimonial, no 17º andar.

- Querida...

- Mmmm?

- Há uma coisa que eu preciso lhe dizer...

- Fala, amor.

- Sou um defenestrador.

E a noiva, em sua inocência, caminha para cama:

- Estou pronta para experimentar tudo com você. Tudo!

Uma multidão cerca o homem que acaba de cair na calçada. Entre gemidos, ele aponta para cima e balbucia:

- Fui defenestrado...

Alguém comenta:

- Coitado. E depois ainda atiraram ele pela janela!

Agora mesmo me deu uma estranha compulsão de arrancar o papel da máquina, amassá-lo e defenestrar essa crônica. Se ela sair é porque resisti.